

GRUPO FOCAL NA PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO: APLICAÇÕES EM ESTUDOS BRASILEIROS¹

FOCUS GROUP IN MANAGEMENT RESEARCH: APPLICATIONS IN BRAZILIAN STUDIES

Wilnei Aldir SCHNEIDER²

Simone Ghisi FEUERSCHÜTTE³

Graziela Dias ALPERSTEDT⁴

Recebido em: 16/07/2019

Aceito em: 24/10/2019

Doi: <https://doi.org/10.4025/cadadm.v27i1.48772>

RESUMO

O objetivo deste estudo é verificar como e para que fins as pesquisas da área de Administração publicadas em periódicos brasileiros, entre 2011 e 2015, utilizaram o grupo focal como método de coleta de dados. Para tal, realizou-se busca sistemática na literatura, na qual foram encontrados 44 artigos científicos que atendiam aos critérios pré-estabelecidos. Nestes documentos, buscou-se identificar, dentre outras questões, o campo de pesquisa, o tema sobre o qual o estudo foi desenvolvido e, mais especificamente, questões metodológicas, principalmente em relação à forma como o método de grupo focal foi utilizado. Como resultados, observou-se que o grupo focal tem sido utilizado isoladamente, como único método de coleta de dados, ou junto a outros métodos, tanto qualitativos, quanto quantitativos. Constatou-se, ainda, que o grupo focal tem sido utilizado para pesquisas em diferentes setores, principalmente na Administração Pública. Outro resultado é que a maior parte dos estudos utiliza o grupo focal ou para identificar pontos de vista sobre o assunto estudado, ou para compreender o fenômeno em estudo. Uma questão que ficou evidente nos trabalhos analisados é que metade deles apresenta detalhamento metodológico insuficiente, a ponto de impossibilitar uma averiguação tanto em relação ao uso do método quanto aos resultados atingidos.

Palavras-chave: Grupo focal. Revisão sistemática de literatura. Pesquisa em Administração.

¹ Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro recebido em forma de bolsa de estudos em nível de doutorado.

² Doutorado em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/ESAG).

³ Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/ESAG).

⁴ Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/ESAG).

ABSTRACT

The aim of this study is to verify how and for what purposes the researches in Management published in Brazilian journals between 2011 and 2015 used the focus group as data collection method. Thus, a systematic literature review was performed and 44 scientific papers that met the pre-established criteria were selected. The analysis of the papers aimed to identify: the field of research, the topic on which the study was developed, methodological issues, especially in relation to the way the focus group method was used, among other issues. As results, it was observed that the focus group method has been used as a single data collection method, or also combined to other data collection methods, both qualitative and quantitative. In addition, it was found that the focus group method has been used for research in different areas, most frequently in Public Administration. It was also observed that most of the research that used the focus group method used it to identify points of view on the studied subject or used it to understand the studied phenomenon. One issue in the analyzed papers is that half of them present insufficient methodological information about the method that was used. That way, scientific check is not always possible, both in relation to the use of the method and in relation to the results achieved.

KEYWORDS: Focus group. Systematic literature review. Management research.

1 INTRODUÇÃO

Na Administração, os métodos qualitativos de pesquisa têm, nas últimas décadas, conquistado cada vez mais o interesse dos pesquisadores. Isso pode ser constatado ao verificar-se a importação de métodos qualitativos de outras áreas e a proliferação de pesquisas baseadas nesses métodos, o que tem se tornado cada vez mais comum, principalmente com o surgimento de novos paradigmas científicos como alternativas à linha positivista (TERENCE; ESCRIVÃO FILHO, 2006; BARBOSA et al., 2013).

A importação de métodos qualitativos de coleta de dados deu abertura a uma série de novas perspectivas de pesquisa na ciência da Administração, especialmente no que se refere a pesquisas no nível do indivíduo ou de grupos sociais. Essa mudança pode até não ser tão percebida ao considerar-se um período temporal de um ou dois anos, mas ela fica evidente ao comparar-se as pesquisas atuais com as desenvolvidas há meio século. A utilização de novos métodos trouxe uma riqueza sem precedentes às pesquisas em Administração, visto que, por meio de várias delas, busca-se compreender a complexidade que circunda um objeto de estudo.

Em meio à diversidade de métodos qualitativos empregados nas pesquisas em Administração, o que tem se ampliado é o uso de entrevista (GASKELL, 2002). Isso se deve muito ao valor e utilidade do referido método em pesquisas qualitativas, já que busca captar dados relativos ao indivíduo (DILSHAD; LATIF, 2013).

A realização de uma entrevista pode ocorrer de diversas formas, sendo possível entrevistar apenas uma ou várias pessoas simultaneamente (GASKELL, 2002). Esta seria uma forma inicial de classificação. Com base nisso, o foco deste artigo é nas entrevistas em grupo, que podem ocorrer de diferentes formas e por meio de novas subdivisões. Sem aprofundar muito nos tipos de entrevista em grupo, o interesse deste artigo está em trabalhar o método de grupo

focal, um método bastante conhecido de entrevista em grupo (PATTON, 2002). O grupo focal envolve uma discussão organizada com um grupo de pessoas selecionadas, visando captar experiências e pontos de vista sobre um assunto (GIBBS, 1997; SMITH; BOWERS-BROWN, 2010).

Com o propósito de conhecer a diversidade de aplicações dadas ao método de grupo focal, bem como analisar como o mesmo tem sido utilizado nos estudos organizacionais, o objetivo deste estudo foi verificar como e para que fins as pesquisas da área de Administração, publicadas em periódicos brasileiros entre 2011 e 2015, utilizaram o grupo focal enquanto método de coleta de dados.

A estrutura do artigo abrange o presente tópico introdutório, uma revisão de literatura pertinente ao tema de pesquisa, seguida da descrição dos procedimentos metodológicos, um tópico de resultados e respectiva análise e as considerações finais.

2 ENTREVISTAS EM GRUPO

As entrevistas em grupo são uma forma valiosa de pesquisa que permite aos pesquisadores explorar normas e dinâmicas em grupo acerca de temas que desejam investigar. O nível de controle das entrevistas em grupo é que determinará a natureza dos dados produzidos (MAY, 2004).

No escopo das entrevistas em grupo, um método bastante conhecido é o grupo focal. No entanto, cabe destacar que nem todas as entrevistas em grupo são grupos focais (PATTON, 2002; MAY, 2004; GODOI, 2015). A principal característica do grupo focal é que nele os participantes são mais explicitamente encorajados a falar uns com os outros (MAY, 2004; SMITH; BOWERS-BROWN, 2010) e sua força está no foco, que pode ser o fenômeno, objeto ou assunto de interesse ou tema de uma investigação (PATTON, 2002). O moderador de um grupo focal, diferentemente da entrevista em grupo, assume o papel de facilitador da discussão, estimulando e enfatizando a formação de opiniões sobre determinado tema (GONDIM, 2003).

Entrevistas não focadas, informais, conversas abertas com duas ou três pessoas ou conversas abertas com grupos de mais de dez pessoas podem ser formas interessantes de coletar dados, mas não constituem um grupo focal (PATTON, 2002; GODOI, 2015). Em relação a estas diferenças de procedimentos, May (2004) ainda insere no escopo das entrevistas em grupo, mas não no do grupo focal, as entrevistas nas quais as perguntas são respondidas por um participante de cada vez. Outros autores, como Gaskell (2002) e Gil (2008), por sua vez, não distinguem entre entrevista em grupo e grupo focal.

Considerando a diversidade de métodos que podem ser utilizados para realizar uma entrevista com mais de uma pessoa – e ao mesmo tempo –, portanto, é relevante diferenciar a entrevista em grupo do que se constitui o grupo focal, que é uma das formas de entrevista em grupo (PATTON, 2002; MAY, 2004; GODOI, 2015). Com base neste entendimento, o próximo tópico é reservado à apresentação do método de grupo focal.

3 GRUPO FOCAL

O método de grupo focal tem suas origens nos trabalhos do sociólogo Robert K. Merton, durante a Segunda Guerra Mundial. Juntamente com Riske e Kendall, Merton escreveu a seminal obra sobre o tema, em 1956: *The focused interview*. Apesar de pesquisadores da área de marketing utilizarem, desde a década de 1950, o grupo focal como forma de estimular o

processo de tomada de decisão de um grupo de consumidores para captar suas preferências, a difusão do método deu-se apenas a partir de 1980, quando passou a ser mais amplamente adotado em pesquisas mercadológicas e para fundamentar pesquisas qualitativas nas Ciências Sociais (PATTON, 2002; GIL, 2008).

Grupo focal – ou entrevista de grupo focal – é uma entrevista realizada com um pequeno grupo de pessoas que compartilham algo em comum em relação a um tópico específico (PATTON, 2002; SMITH; BOWERS-BROWN, 2010; SILVA; VELOSO; KEATING, 2014). As características em comum devem estar associadas à temática central do estudo (TRAD, 2009; SILVA; VELOSO; KEATING, 2014). O grupo focal envolve uma discussão organizada com um grupo de pessoas selecionadas, visando captar experiências e pontos de vista sobre o assunto de interesse ou sob investigação. O propósito é perceber atitudes, sentimentos, crenças, experiências e reações que não seriam reveladas por outro meio de investigação. De forma geral, o grupo focal é um método para obter uma variedade de pontos de vista (GIBBS, 1997; SMITH; BOWERS-BROWN, 2010; BORDINI; SPERB, 2013; DAL FORNO KINALSKI et al., 2017).

Os participantes do grupo focal normalmente são desconhecidos entre si, mas isso não é uma pré-condição. Em determinadas situações, a familiaridade anterior entre eles é uma vantagem (GASKELL, 2002). Recomenda-se, entretanto, que a seleção dos participantes seja feita ao acaso e não por conveniência, para que se evite o risco da distorção dos dados (AMADO, 2014). Oliveira e Freitas (2006) sugerem que deve ser considerada a necessidade de segmentar os participantes em categorias, mas vale ressaltar que há diferentes formas de selecionar os participantes de uma pesquisa qualitativa e, conseqüentemente, os integrantes do grupo focal.

No que diz respeito à quantidade de participantes por sessão de grupo focal, não se observa o consenso entre os autores, sendo encontradas diversas orientações, tais como: 6 a 8 pessoas (GASKELL, 2002); 6 a 10 pessoas (BLACKBURN; STOKES, 2000; PATTON, 2002; OLIVEIRA; FREITAS, 2006; SMITH; BOWERS-BROWN, 2010); 6 a 12 pessoas (GIL, 2008; MINAYO, 2010; BORDINI; SPERB, 2013); 8 a 12 pessoas (MAY, 2004); e 4 a 15 pessoas (AMADO, 2014). May (2004) propõe que o tamanho do grupo seja determinado com base nos objetivos da pesquisa e nos recursos disponíveis, desde que não seja um grupo muito pequeno, ou muito grande, que impeça a discussão do assunto proposto. De qualquer forma, recomenda-se que grupos de mais de 12 pessoas sejam divididos (GUI, 2003; OLIVEIRA; FREITAS, 2006). Trad (2009), por sua vez, relata a dificuldade encontrada na condução de um grupo focal com 16 participantes e reforça a necessidade de fazer grupos menores.

Em termos de duração da sessão de grupo focal, as orientações também variam: até 1,5 horas (MINAYO, 2010); de 1 a 2 horas (GASKELL, 2002; PATTON, 2002; SMITH; BOWERS-BROWN, 2010; BORDINI; SPERB, 2013); 1,5 a 2 horas (MAY, 2004); e 2 a 3 horas (GIL, 2008). Cabe destacar, acerca do período das sessões, que um único estudo pode compreender uma série de grupos focais para capturar perspectivas diversas (PATTON, 2002), ou seja, o grupo focal pode ocorrer em diferentes sessões ou encontros.

Com vasta experiência na condução de grupos focais, Greenbaum (1998) também adere à ideia de vários grupos focais para uma mesma pesquisa. Entretanto, ele afirma que, na prática, tem visto a realização de um número de sessões muito superior ao que realmente seria necessário para atingir os objetivos estabelecidos. Oliveira e Freitas (2006) sugerem a técnica de saturação para determinar o momento de suspender novas entrevistas, no caso da realização de vários grupos focais para um único estudo. Com base em tais indicações, acredita-se ser conveniente realizar uma quantidade suficiente de sessões, não muito demoradas a ponto de serem cansativas para os participantes.

O método de grupo focal reconhece que muitas decisões são tomadas em um contexto social, até mesmo em meio a discussão com outras pessoas (PATTON, 2002). Por isso, o que se busca em um grupo focal é recriar um ambiente de interação social (GUI, 2003; BORDINI; SPERB, 2013). O grupo focal é uma entrevista; não é uma sessão de solução de problemas, tampouco um grupo de tomada de decisão ou uma discussão, embora interações diretas entre os participantes ocorram com frequência (PATTON, 2002).

O objetivo do grupo focal é que, a partir de uma discussão liderada pelo moderador, os participantes interajam entre si (GASKELL, 2002; BORDINI; SPERB, 2013; SILVA; VELOSO; KEATING, 2014). A sinergia e a interação entre os membros do grupo exercem um papel significativo no processo de geração de dados (DILSHAD; LATIF, 2013). A principal característica do grupo focal é a sua ênfase na interação do grupo – principal meio e fonte de produção de dados – acerca de um tópico determinado (GUI, 2003; BORDINI; SPERB, 2013; AMADO, 2014). Seu diferencial em relação à entrevista individual é que, ao ouvir a resposta de outras pessoas, o respondente reformula sua resposta inicial (PATTON, 2002; OLIVEIRA; FREITAS, 2006; BORDINI; SPERB, 2013).

Não é necessário que os participantes concordem com as respostas dos outros, nem que se atinja o consenso. Também não se espera que as pessoas discordem acerca das respostas, dado que a questão central é captar dados de alta qualidade em um contexto social onde as pessoas consideram sua visão pessoal em meio às visões dos outros (PATTON, 2002; BORDINI; SPERB, 2013; GODOI, 2015). O grupo focal busca, portanto, a pluralidade de ideias (GUI, 2003; AMADO, 2014; GODOI, 2015).

As entrevistas em grupo, incluindo o grupo focal, podem gerar uma compreensão valiosa das relações sociais, em geral, e das dinâmicas sociais, em particular. Deve-se evitar, porém, a generalização dos resultados, fato recorrente na prática de pesquisadores mercadológicos e de partidos políticos. Também é importante considerar que entrevistas em grupo produzem perspectivas diferentes sobre as mesmas questões, se comparadas com a entrevista individual (MAY, 2004; OLIVEIRA; FREITAS, 2006).

Além da importância específica, enquanto método de coleta de dados com conteúdo próprio, é importante salientar a importância do grupo focal junto a outros métodos de pesquisa (OLIVEIRA; FREITAS, 2006; SILVA; VELOSO; KEATING, 2014), complementando, por exemplo, a coleta de dados em estudos que utilizam história de vida, técnicas de entrevistas (abertas ou semiestruturadas) ou, ainda, a observação participante (MINAYO, 2010).

O grupo focal é muito utilizado em estudos exploratórios, especialmente na área do marketing, visando a melhor compreensão de um problema, levantamento de hipóteses ou identificando elementos para construção de instrumentos de coleta de dados (OLIVEIRA; FREITAS, 2006; GIL, 2008). Além disso, outros usos do grupo focal são sugeridos na literatura, quais sejam: identificar informação existente; identificar pontos de vista sobre um assunto; aprofundar os conhecimentos sobre um tema; captar a comunicação não verbal; identificar a linguagem comum acerca de um tema; realizar um estudo piloto; fazer emergir novos conceitos; gerar *insights*; diagnosticar problemas; formular questões e categorias de resposta para questionários estruturados; gerar hipóteses; testar métodos de pesquisa; e interpretar resultados de uma *survey* (BLACKBURN; STOKES, 2000; BORDINI; SPERB, 2013; AMADO, 2014; SILVA; VELOSO; KEATING, 2014; DA COSTA MINEIRO et al., 2019). Por fim, destaca-se que o grupo focal é um método que pode ser utilizado em diferentes momentos do processo de pesquisa (SILVA; VELOSO; KEATING, 2014).

Em se tratando da operacionalização do grupo focal no contexto da pesquisa, para que se obtenham as percepções de interesse e necessárias à compreensão do fenômeno em estudo, a

aplicação do método precisa ser cuidadosamente planejada e conduzida por um entrevistador habilidoso (PATTON, 2002). As fases para realização de grupo focal sugeridas por Silva, Veloso e Keating (2014) ou por Da Costa Mineiro et al. (2019) podem ser úteis ao pesquisador para o planejamento do grupo focal. O papel do moderador é muito relevante e exige habilidade para estimular o grupo a compartilhar ideias e percepções em um clima e situação que se mostrem prazerosos e confortáveis a todos os participantes, de modo que todos possam se expressar livremente (GIBBS, 1997; PATTON, 2002; BORDINI; SPERB, 2013; DA COSTA MINEIRO et al., 2019).

Ao citar Krueger, Patton (2002) afirma que o grupo focal não é um conjunto de entrevistas individuais, mas uma sessão de interação, na qual os membros interagem entre si. Assim, é recomendável que a sessão seja dirigida por dois entrevistadores: um animador, com o papel de conduzir a conversa, promover a participação de todos, inibir os monopolizadores da palavra e aprofundar o tema; e um relator, com a missão de fazer anotações e cuidar dos instrumentos de gravação: áudio ou áudio e vídeo, concomitantemente. Os autores alertam que, mesmo com a gravação, é importante realizar anotações adicionais para auxiliar o processo de transcrição (PATTON, 2002; OLIVEIRA; FREITAS, 2006; MINAYO, 2010).

Ainda quanto à condução da sessão, Gil (2008) também pontua que pode haver mais de um animador para conduzir o grupo focal. Já Trad (2009) recomenda que, além dos moderadores e assistente, haja observadores, que não se manifestam, inseridos no grupo, com o objetivo de captar a reação dos participantes. De todo modo, em qualquer situação, há a exigência fundamental de que os moderadores do grupo focal sejam conhecedores da dinâmica em grupo e da técnica de entrevista, de modo a manter o equilíbrio da interação entre os participantes (AMADO, 2014). Recomenda-se que os moderadores do grupo focal exerçam um papel de liderança e controlem o grupo, intervindo quando e o quanto acharem necessário para que os participantes não deixem de abordar os temas que convêm à pesquisa (GODOI, 2015). Bons níveis de liderança e habilidades interpessoais, portanto, são requeridos para moderar uma sessão de grupo focal com sucesso (GIBBS, 1997).

Quanto ao material gravado, Queiroz (1991) sugere que o próprio pesquisador que realizou a entrevista realize a transcrição, pois só ele será capaz de reviver a experiência e registrar os significados e detalhes de algo que ocorreu durante a sessão. Embora o texto deva ser o mais fiel possível à gravação, o pesquisador que realizou a entrevista pode enriquecer o relato com suas memórias, as quais também podem ser registradas para uma melhor compreensão do todo.

O Quadro 1 apresenta, com base nos autores pesquisados, vantagens e limitações do uso do grupo focal em pesquisas qualitativas.

Quadro 1 – Vantagens e limitações do grupo focal na pesquisa qualitativa

Descrição		Autores
Vantagens	<ul style="list-style-type: none"> • Possibilita obter um entendimento da vida compartilhada das pessoas. • Permite compreender a forma como os indivíduos são influenciados por outros em uma situação de grupo. 	Gibbs (1997)
	<ul style="list-style-type: none"> • É um método flexível. • A interação em grupo proporciona uma segurança psicológica que faz com que os indivíduos sejam mais abertos em relação aos seus pontos de vista. • Tempo e custo – é rápida e barata. 	Blackburn e Stokes (2000)
	<ul style="list-style-type: none"> • Baixo custo – possibilita obter muita informação em um curto espaço de tempo. No marketing é bem aceito devido à geração de respostas confiáveis a um preço razoável. • Interação entre participantes eleva a qualidade dos dados. • Uma diversidade de pontos de vista pode ser acessada simultaneamente. • Tende a ser prazeroso para os participantes. 	Patton (2002)
	<ul style="list-style-type: none"> • Riqueza e flexibilidade dos dados. • Há um ganho de espontaneidade dos participantes na interação em grupo. • Possibilita coletar dados a partir da interação em grupo. • Baixo custo e rapidez. 	Oliveira e Freitas (2006)
	<ul style="list-style-type: none"> • Permite a formação de consenso sobre determinado assunto. • Cristaliza opiniões díspares. 	Minayo (2010)
	<ul style="list-style-type: none"> • Permite acessar dados difíceis de conseguir sem a interação grupal. 	Bordini e Sperb (2013)
	<ul style="list-style-type: none"> • Valoriza a interação entre participantes e pesquisador. • Proporciona a troca de experiências, conceitos e opiniões entre os participantes. • Origina discussões e elabora táticas grupais para solucionar problemas e transformar realidades, pautando-se na aprendizagem e na troca de experiências sobre a questão em estudo. 	Dal Forno Kinalski et al. (2017)
Limitações	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em distinguir os pontos de vista individual do ponto de vista do grupo. • Baixo nível de controle sobre os dados produzidos. • A pesquisa em grupo focal não pode ser totalmente predeterminada. 	Gibbs (1997)
	<ul style="list-style-type: none"> • O número de questões a serem realizadas é restrito. • O tempo de resposta por pessoa é restrito, já que todos devem ser ouvidos. Sugere-se não realizar mais do que 10 questões principais. • Moderar e conduzir um grupo focal exige considerável habilidade no processo. • Os que percebem seu ponto de vista como minoritário podem não estar dispostos a falar e ter reações negativas. • Os grupos focais aparentam funcionar melhor quando os participantes são estranhos e acreditam ter similaridades. Quando os participantes já têm um relacionamento estabelecido, a dinâmica é muito diferente e mais complexa. • Controvérsias e questões muito pessoais não são bons tópicos para grupo focal. • A confidencialidade não pode ser assegurada. • O grupo focal é útil para temas maiores, mas não tanto para analisar pormenores. • Normalmente o grupo focal ocorre fora do cenário em que a interação social normalmente ocorre. 	Patton (2002)
	<ul style="list-style-type: none"> • Não é baseado em um ambiente natural. • Menor controle sobre os dados gerados. • Impossibilidade de saber se a interação em grupo se reflete no comportamento individual. • Dificuldade de analisar os dados. • O ambiente precisa ser mais bem preparado. • Entrevistadores precisam ser treinados e hábeis com o método. • Dificuldade de reunir os grupos. • É necessário um ambiente que propicie o diálogo. 	Oliveira e Freitas (2006)

Fonte: Literatura pesquisada (2019).

Frente às vantagens e limitações, é possível destacar que o poder do grupo focal está no foco, que é o olhar e a busca por reações frente a algo ou à questão principal sob investigação. Neste aspecto, pode-se dizer que não é um método muito útil para explorar detalhes (PATTON, 2002). A despeito das limitações, o grupo focal tem seu valor enquanto procedimento para coletar dados em pesquisas qualitativas, alertando-se que seu sucesso pode ser posto em risco quando o moderador não é suficientemente habilitado para gerenciar a sessão (DILSHAD; LATIF, 2013).

Mesmo afirmando que o grupo focal também pode ser utilizado para outros fins, tais como identificação das diretrizes gerais de uma cultura organizacional, avaliação de programas de treinamento de pessoal e pesquisas em setores públicos e educacionais, Patton (2002) enfatiza o uso do método em pesquisas mercadológicas. Esta ênfase justifica-se pelo fato de que os pesquisadores da área mercadológica têm sido os principais responsáveis pelo desenvolvimento e difusão do método, apesar de suas origens na Sociologia (BLACKBURN; STOKES, 2000; OLIVEIRA; FREITAS, 2006).

Por fim, é relevante mencionar que, além da tradicional forma presencial, o grupo focal pode ser realizado por meio da utilização de ferramentas virtuais, via internet (PATTON, 2002; BORDINI; SPERB, 2013; DA COSTA MINEIRO et al., 2019). Esta modalidade pode ser denominada grupo focal *on-line* e a metodologia é semelhante ao grupo focal presencial, tendo como principal diferença a realização da entrevista em uma sala virtual (BORDINI; SPERB, 2013; DA COSTA MINEIRO et al., 2019). Embora seja possível fazer uso de microfone e câmera, o mais comum é que a discussão se dê por escrito. Neste caso, o grupo focal *on-line* pode ser: síncrono – quando a comunicação entre os participantes é simultânea; ou assíncrono – quando a comunicação não ocorre em tempo real (BORDINI; SPERB, 2013; DA COSTA MINEIRO et al., 2019).

A utilização do ambiente virtual é apontada como uma das principais vantagens do grupo focal *on-line*. Além dela, tem-se como vantagens de tal procedimento virtual o que segue: conveniência; custo reduzido; rapidez; familiaridade com o ambiente; abordagem de temas polêmicos – já que os participantes ficam menos constrangidos do que em uma situação presencial; participação de pessoas de áreas geográficas muito distantes; e o fato das pessoas se revelarem menos inibidas do que em um ambiente presencial.

Em contrapartida, adotar o grupo focal *on-line* também pode sugerir desvantagens, como: não captar aspectos da comunicação não-verbal, tal como ocorreria em uma sessão presencial, e impossibilitar a participação de quem não tem acesso à internet (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009; DA COSTA MINEIRO et al., 2019). Bordini e Sperb (2013) ainda destacam que os grupos focais *on-line* não são uma simples transposição de grupos presenciais para o meio virtual, uma vez que apresentam uma série de particularidades. Damasceno et al. (2014) apresentam uma reflexão sobre possibilidades e limitações da realização de pesquisas por meio de ambiente virtual, as quais também se aplicam ao caso dos grupos focais *on-line*.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2008), cuja fonte de dados foram artigos publicados em revistas científicas brasileiras, selecionados por meio de busca sistemática na base de dados *SPELL*[®]. Esta base é vinculada à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração [ANPAD] e reúne publicações de periódicos brasileiros das áreas de Administração, Contabilidade e Turismo. A escolha da referida base de dados considerou o objetivo do trabalho, de analisar estudos brasileiros relacionados ao tema do grupo focal.

A operacionalização da pesquisa seguiu os procedimentos de uma revisão sistemática de literatura que, segundo Sampaio e Mancini (2007, p. 84), consiste em “um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica”. Os autores ainda acrescentam que as revisões sistemáticas são “úteis para integrar informações de um conjunto de estudos realizados separadamente” e servem para indicar novos rumos para pesquisas futuras. A leitura de revisões de literatura permite que se tenha acesso a um maior número de resultados relevantes, de modo que as conclusões acerca de um tema não se limitem à leitura de apenas alguns artigos (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

Conforme mencionado, as fontes de dados desta pesquisa são artigos científicos publicados em revistas científicas brasileiras. Para selecionar tais documentos, foram seguidas as diretrizes para seleção de documentos para uma revisão sistemática da literatura apresentadas por Ramos, Faria e Faria (2014). As etapas da revisão sistemática desta pesquisa podem ser visualizadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Etapas da revisão sistemática da literatura

Objetivos	Como e para que fins as pesquisas da área de Administração, publicadas em periódicos brasileiros entre 2011 e 2015, utilizaram o grupo focal enquanto método de coleta de dados?
Equações de pesquisa	Busca em título e resumo: <focus E group>, <grupo E focal>, <grupo E foco>
Âmbito da pesquisa	Base de dados: SPELL
CrITÉRIOS de inclusão	Área de conhecimento: Administração Tipo de documento: Artigo Idiomas: Português e Inglês Período de publicação: Janeiro de 2011 a Dezembro de 2015
CrITÉRIOS de exclusão	Não ter realizado Grupo Focal Não ser da Área de Administração
CrITÉRIOS de validade metodológica	Verificação dos critérios de inclusão e exclusão.
Resultados	Inicialmente, foram encontradas 82 referências não duplicadas. As referências foram importadas e organizadas no <i>software</i> EndNote X7®, que é um <i>software</i> que permite a organização de referências em pastas, facilitando o gerenciamento do material de pesquisa coletado em bases de dados. Em seguida, foram aplicados os critérios de exclusão, restando 44 artigos para serem analisados.
Tratamento de dados	Análise dos 44 artigos e, com auxílio do <i>software</i> Excel®, foi criada uma planilha com os dados necessários para análise. Maiores detalhes ao decorrer do texto.

Fonte: Adaptado de Ramos, Faria e Faria (2014).

Para verificação dos critérios de exclusão apresentados no Quadro 2, foram analisados os resumos e os tópicos de procedimentos metodológicos dos artigos. Verificou-se que 44 artigos atendiam aos critérios pré-estabelecidos.

O passo subsequente foi a coleta de dados nos artigos selecionados. Com auxílio do *software* Excel®, foi criada uma planilha na qual foram registradas as seguintes informações relacionadas a cada um dos artigos selecionados: se o artigo é da área de Administração Pública ou Empresarial, tipo de organização na qual o estudo foi desenvolvido, objeto de estudo, abordagem metodológica, métodos de coleta de dados empregados, ordem em que os métodos foram empregados e, quando pesquisa com indivíduos, quantidade de participantes em cada método. Especificamente em relação ao método de grupo focal, ainda foram coletados os seguintes dados, quando disponíveis: quantidade de sessões de grupo focal, critérios de seleção de participantes, quantidade de participantes em cada sessão, duração de cada sessão, objetivo que a pesquisa pretendia atingir com o uso do grupo focal (qual o papel do grupo focal na

pesquisa), quem foram os participantes do grupo focal, onde as sessões foram realizadas, se as sessões foram gravadas e como foram gravadas, se as gravações foram transcritas, quem transcreveu as gravações, quantos pesquisadores conduziram as sessões, qual o papel de cada pesquisador durante as sessões e como foi o roteiro utilizado para conduzir o grupo focal. Estes dados foram buscados devido ao fato da literatura consultada sobre o método de grupo focal indicar que estes são aspectos importantes na realização de um grupo focal e que eles podem afetar a qualidade dos dados produzidos com o método.

Finalizada a coleta de dados, deu-se início à análise. Com base nas informações coletadas, os artigos foram classificados de acordo com: sua vinculação com o campo de estudo (Administração Pública ou Administração Empresarial); o tema de interesse do artigo (conforme classificação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração [ANPAD], referente às suas Divisões Acadêmicas⁵); setor estudado (Público, Serviços ou Indústria); tipo de abordagem metodológica (qualitativa ou qualitativa-quantitativa); e objetivo do uso do grupo focal como método de coleta de dados. No tópico de resultados e análises, em cada um dos grupos provenientes das classificações realizadas, são apresentados os dados referentes aos artigos analisados, permitindo ao leitor conhecer maiores detalhes sobre as pesquisas realizadas.

Além de uma análise descritiva, analisou-se como o grupo focal foi realizado nos estudos analisados. Para esta análise, tomaram-se como parâmetros de aplicação correta do método de grupo focal as recomendações apresentadas na literatura consultada sobre o método. Com base nisso, a análise apresentada neste artigo pontua os aspectos mais frequentemente ignorados pelos pesquisadores. Tais aspectos, entretanto, são fundamentais para garantir a qualidade dos dados gerados por meio da realização de grupo focal, conforme literatura consultada.

Nesta pesquisa, entretanto, não foram analisadas as referências utilizadas, nos artigos selecionados, para orientar a realização de grupo focal. Logo, é possível que sejam direcionadas críticas a alguns trabalhos, mas eles estarem de acordo com recomendações de outros autores (não consultados nesta pesquisa) sobre o método de grupo focal. O referencial teórico deste artigo foi elaborado com base em textos que os autores consideram referências importantes sobre o método. Logo, todas as análises apresentadas baseiam-se em tais trabalhos. Cabe destacar que as referências aqui utilizadas não são as únicas sobre grupo focal encontradas na literatura e que outros autores podem apresentar recomendações diversas das apresentadas neste artigo.

5 RESULTADOS E ANÁLISES

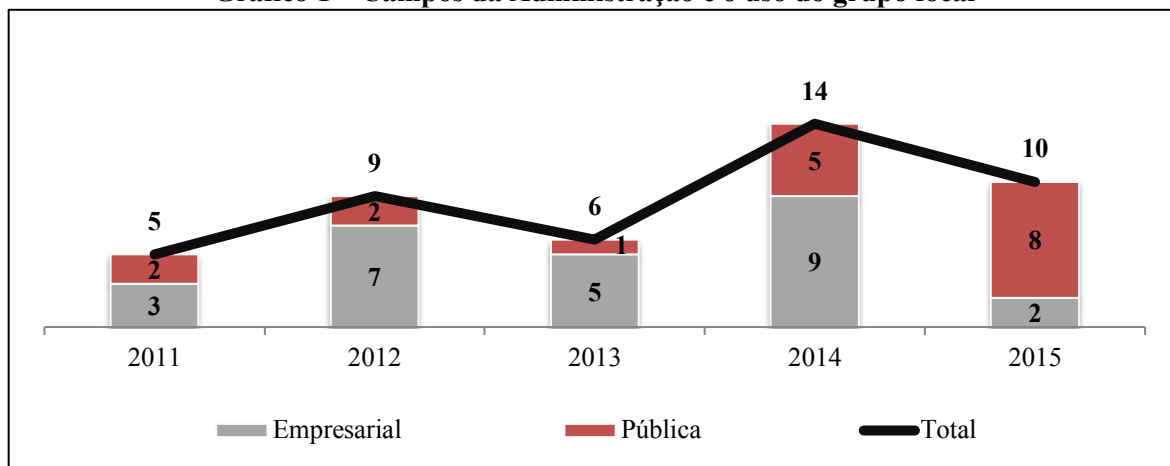
Neste tópico são apresentados os dados referentes aos 44 artigos analisados, tendo como base a revisão teórica elaborada, a orientação dos objetivos propostos e considerando os aspectos ou questões definidas como categorias de análise para a descrição e discussão em torno do foco desta pesquisa, qual seja, a utilização do grupo focal em estudos brasileiros. Nesse sentido, buscou-se apontar, inicialmente, o campo de estudo abordado no artigo no qual o grupo focal foi adotado como método de coleta de dados, seguindo-se com a identificação dos temas e setores estudados. Na sequência, apresentam-se as características metodológicas dos trabalhos analisados e especificidades relativas ao uso do grupo focal.

No que diz respeito à identificação do campo da Administração em que os estudos foram desenvolvidos, constatou-se que o método de grupo focal é utilizado para fins de pesquisa tanto no campo da Administração Pública, quanto no campo da Administração Empresarial. O

⁵ A ANPAD estrutura-se em Divisões Acadêmicas e cada uma das divisões é subdividida em temas de interesse.

Gráfico 1 apresenta o número de estudos realizados, a cada ano do período investigado, que utilizaram o método de grupo focal nos dois campos da Administração. No Gráfico 1, é possível verificar que, em média, no período analisado houve um crescimento no uso do referido método nas pesquisas em Administração. Também se observa que, principalmente nos dois últimos anos, ocorreu um aumento considerável de pesquisas no âmbito da Administração Pública. Entretanto, a partir da evolução identificada, não se pode afirmar que existe uma tendência de crescimento no uso do grupo focal nas pesquisas em Administração.

Gráfico 1 – Campos da Administração e o uso do grupo focal



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Outro aspecto analisado para dar suporte aos objetivos da pesquisa foi o tema de interesse sobre o qual o trabalho foi realizado. Para tal, utilizou-se das classificações da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), referentes às suas Divisões Acadêmicas. Dessa forma, os trabalhos foram classificados conforme os temas de interesse relacionados a tais Divisões. Constatou-se que o método de grupo focal foi utilizado, no período em análise, como procedimento de pesquisa, em sete temas da Administração, conforme Gráfico 2.

Gráfico 2 – Temas de interesse e o uso do grupo focal



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Evidencia-se, conforme percebido nos dados, o destaque para temas relacionados à Administração Pública utilizando o método de grupo focal. Essa constatação pode estar associada ao crescimento da produção científica no âmbito da gestão pública no Brasil, que tem ampliado as perspectivas conceituais e teóricas em torno da esfera pública, transpondo a noção de que a mesma se configura como campo de ação do Estado, por meio dos governos, para entendê-la como dimensão que conjuga diferentes entes da sociedade, articulados para buscar o desenvolvimento social e a construção da cidadania de modo coletivo. Neste sentido, a realização de pesquisas com o método de grupo focal parece ser coerente com a ideia de se buscar a participação e o compartilhamento de diferentes saberes e percepções em torno dos fenômenos que dizem respeito ao bem comum, ou seja, aos interesses da sociedade no seu todo.

Em articulação aos sete temas descritos no Gráfico 2, foi possível identificar os assuntos pesquisados, com o uso do grupo focal, relacionados a cada um deles, conforme demonstra o Quadro 3.

Quadro 3 – Assuntos pesquisados em relação aos temas de interesse

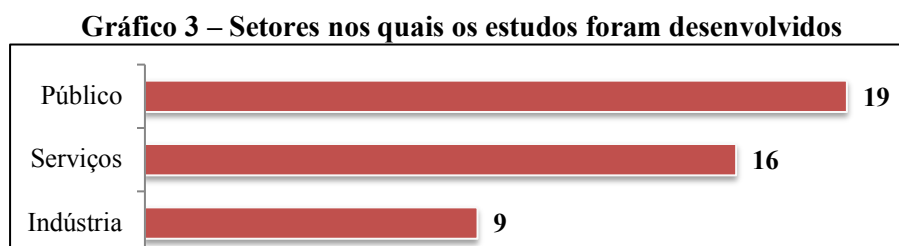
Tema	Assunto	Referências
Administração Pública	Aprendizagem organizacional	Sawitzki e Antonello (2014)
	Capital social	Guerra e Teodósio (2012)
	Competências humanas	Pereira e Silva (2011)
	Compras	Adil, Nunes e Peng (2014)
	Comunicação	Hamester et al. (2015)
	Custos	Alemão et al. (2015)
	Economia solidária	Dias e Souza (2014)
	Esporte educacional	Mota e Nassif (2015)
	Logística	Andreoli e Dias (2015)
	Percepção do trabalhador	Fogaça e Coelho Junior (2015)
	Políticas educacionais	Alvarenga et al. (2012)
	Políticas públicas	Baeta, Mucci e Moreira (2011), Pardini, Gonçalves e Camargos (2013), Bretas e Saraiva (2014), Almeida e Paula (2015)
	Satisfação do trabalhador	Leite, Rodrigues e Albuquerque (2014)
Marketing	Terceirização de serviços	Silva e Souza Neto (2015)
	Transferência de gestão	Pereira et al. (2015)
	Comportamento do consumidor	Rossi et al. (2012), Lubeck et al. (2014), Rocha et al. (2014), Santini et al. (2014), Steffen, Perin e Sampaio (2014), Oliveira et al. (2015)
Estudos Organizacionais	Imagem organizacional	Clemente e Jeunon (2012)
	Serviços	Añaña, Silva e Nique (2011)
	Aprendizagem organizacional	Silva e Leite (2014)
	Competências organizacionais	Ruas et al. (2014)
	Comportamento organizacional	Caldas e Roncato (2012), Leite, Leite e Albuquerque (2012)
Estratégia em Organizações	Condições laborais	Mezadre e Bianco (2014)
	Controladoria	Beuren e Almeida (2012), Cunha, Beuren e Guerreiro (2014)
	Internacionalização	Smaniotto, Paiva e Vieira (2012)
	Medição de desempenho	Teixeira, Santana e Lavarda (2014)

Tema	Assunto	Referências
	Mudança organizacional	Cançado et al. (2011), Paiva e Andrade (2013)
Gestão da Ciência, Tecnologia e Inovação	Empreendedorismo feminino	Gouvêa, Silveira e Machado (2013)
	Inovação	Silva et al. (2013), Teza et al. (2013)
Administração da Informação	Tecnologia da Informação	Barth e Meirelles (2011), Chiesa, Zíngano e Grisci (2013)
Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho	Educação corporativa	Amorim et al. (2015)
	Gestão de competências	Cruz, Sarsur e Amorim (2012)

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Considerando os conceitos e especificidades sobre o grupo focal apresentados na revisão de literatura, que apontam os estudos de Marketing como pioneiros no desenvolvimento e na difusão do método, esperava-se uma maior concentração de trabalhos, utilizando grupo focal, na área mercadológica. Entretanto, após levantar os dados, constatou-se que apenas 18% do total de estudos analisados são do Marketing, o que leva a crer que há um crescimento do uso do método de pesquisa em outras áreas da Administração.

Como terceiro aspecto observado nos dados sobre a utilização do grupo focal, buscou-se identificar os setores da economia abordados nos artigos. O que se constatou foi que diferentes setores têm sido foco de estudo com a adoção do método, como mostra o Gráfico 3.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O Gráfico 3 apresenta uma classificação geral, mas os setores identificados ainda podem ser subdivididos. Assim, o Quadro 4 apresenta o tipo de organização correspondente aos setores onde cada um dos estudos foi desenvolvido.

Quadro 4 – Tipos de organizações estudadas com uso do grupo focal

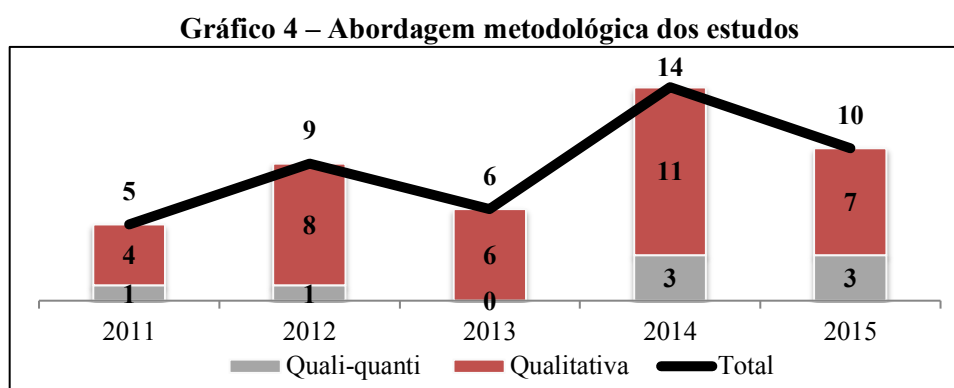
Setor	Organização	Referências
Público	Associação	Gouvêa, Silveira e Machado (2013), Dias e Souza (2014)
	Centro de saúde	Bretas e Saraiva (2014)
	Educação	Baeta, Mucci e Moreira (2011), Pereira e Silva (2011), Alvarenga et al. (2012), Adil, Nunes e Peng (2014)
	Governo Federal	Fogaça e Coelho Junior (2015), Silva e Souza Neto (2015)
	Governo Estadual	Pardini, Gonçalves e Camargos (2013)
	Governo Municipal	Almeida e Paula (2015)
	Hospital	Alemão et al. (2015), Andreoli e Dias (2015), Hamester et al. (2015)
	Questões de interesse local	Guerra e Teodósio (2012), Pereira et al. (2015)
	Organizações do terceiro setor	Sawitzki e Antonello (2014), Mota e Nassif (2015)
	Polícia Militar	Leite, Rodrigues e Albuquerque (2014)

Serviços	Alimentação	Rossi et al. (2012), Oliveira et al. (2015)
	Banco	Ruas et al. (2014), Amorim et al. (2015)
	Call center	Barth e Meirelles (2011)
	Comércio	Añaña, Silva e Nique (2011), Teza et al. (2013), Rocha et al. (2014)
	Comunicação	Silva et al. (2013)
	Educação	Caldas e Roncato (2012), Paiva e Andrade (2013), Silva e Leite (2014)
	Contabilidade	Teixeira, Santana e Lavarda (2014)
	Sindicato	Cruz, Sarsur e Amorim (2012)
	Telecomunicação	Cançado et al. (2011)
	Tecnologia da informação	Chiesa, Zingano e Grisci (2013)
Indústria	Automobilística	Lubeck et al. (2014)
	Calçados	Smaniotto, Paiva e Vieira (2012), Santini et al. (2014)
	Confecção	Cunha, Beuren e Guerreiro (2014), Steffen, Perin e Sampaio (2014)
	Produção de mármore e granitos	Mezadre e Bianco (2014)
	Mineração	Clemente e Jeunon (2012)
	Petroquímica	Leite, Leite e Albuquerque (2012)
	Têxtil	Beuren e Almeida (2012)

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Considerando a diversidade de aplicações do método de grupo focal, tanto em relação às áreas da Administração, quanto aos setores econômicos pesquisados, observa-se um conjunto de possibilidades para sua aplicação. Como Trad (2009) já deu a entender, o método de grupo focal ganha espaço nas pesquisas devido a sua utilidade que, dentre outras coisas, está relacionada ao fato de ela assumir que, muitas vezes, as decisões podem ser tomadas em um contexto social, a partir da interação entre as pessoas, conforme destacado no referencial teórico.

Já em termos da abordagem metodológica utilizada nos trabalhos que fizeram uso do grupo focal como método de coleta de dados, a maioria das pesquisas revelou-se como de natureza qualitativa, como mostra o Gráfico 4.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Metade das pesquisas que adotaram uma abordagem mista, ou seja, quali-quantitativa, utilizam o grupo focal preliminarmente em uma *survey* (quantitativa), como forma de identificar e descrever pontos de vista sobre o assunto. É o caso das pesquisas de Añaña, Silva e Nique (2011), Rossi et al. (2012), Santini et al. (2014) e Pereira et al. (2015). Steffen, Perin e Sampaio (2014), por outro lado, utilizam o grupo focal para compreender o fenômeno estudado e, em seguida, criam cenários para uma etapa quantitativa, à qual denominaram de experimento.

Ainda em relação à abordagem quali-quantitativa, Alemão et al. (2015) também adotam o grupo focal como forma de compreender o fenômeno estudado, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma pesquisa documental para trabalhar com os dados quantitativos. Leite, Rodrigues e Albuquerque (2014), por sua vez, utilizam o grupo focal para compreender os resultados de uma etapa quantitativa, e Silva e Souza Neto (2015) utilizam o grupo focal para aprofundar os resultados obtidos em uma *survey*.

Dentre as pesquisas que adotaram uma abordagem puramente qualitativa, apenas três utilizaram o grupo focal como único método de coleta de dados. Dois dos estudos realizaram o grupo focal como método para compreensão de um fenômeno (ANDREOLI; DIAS, 2015; FOGAÇA; COELHO JUNIOR, 2015); e outro realizou grupo focal com o objetivo de identificar pontos de vista sobre o tema em estudo (PEREIRA; SILVA, 2011).

No que tange ao uso do método de grupo focal em associação a outros métodos de pesquisa, identificou-se um trabalho que buscou compreender o processo de inovação gerenciado por uma empresa. Teza et al. (2013) utilizaram, nesta pesquisa, o grupo focal junto à observação e à pesquisa documental. Silva et al. (2013), que buscaram, por meio do grupo focal, a compreensão do fenômeno estudado, e Dias e Souza (2014), que buscaram identificar pontos de vista sobre o assunto em estudo, utilizaram o grupo focal ao lado apenas de pesquisa documental. O grupo focal também foi utilizado antes de entrevistas individuais. Neste caso, o objetivo do grupo focal foi: identificar pontos de vista sobre o assunto (BARTH; MEIRELLES, 2011; CLEMENTE; JEUNON, 2012; SMANIOTTO; PAIVA; VIEIRA, 2012; PAIVA; ANDRADE, 2013; LUBECK et al., 2014; RUAS et al., 2014); ou compreender o fenômeno estudado (BAETA; MUCCI; MOREIRA, 2011; CUNHA; BEUREN; GUERREIRO, 2014; MOTA; NASSIF, 2015).

Outra situação é o uso do grupo focal após entrevista individual. Neste caso, com o grupo focal os pesquisadores buscaram: aprofundar os resultados da etapa anterior da sua pesquisa (ALVARENGA et al., 2012; LEITE; LEITE; ALBUQUERQUE, 2012; ROCHA et al., 2014; HAMESTER et al., 2015); confirmar os resultados obtidos na entrevista individual (MEZADRE; BIANCO, 2014); obter uma compreensão melhor sobre o fenômeno em estudo (CANÇADO et al., 2011; BEUREN; ALMEIDA, 2012; BRETAS; SARAIVA, 2014; SILVA; LEITE, 2014); identificar mais pontos de vista sobre o assunto (GUERRA; TEODÓSIO, 2012; CHIESA; ZÍNGANO; GRISCI, 2013; GOUVÊA; SILVEIRA; MACHADO, 2013; AMORIM et al., 2015); e discutir soluções para o assunto em pauta (TEIXEIRA; SANTANA; LAVARDA, 2014).

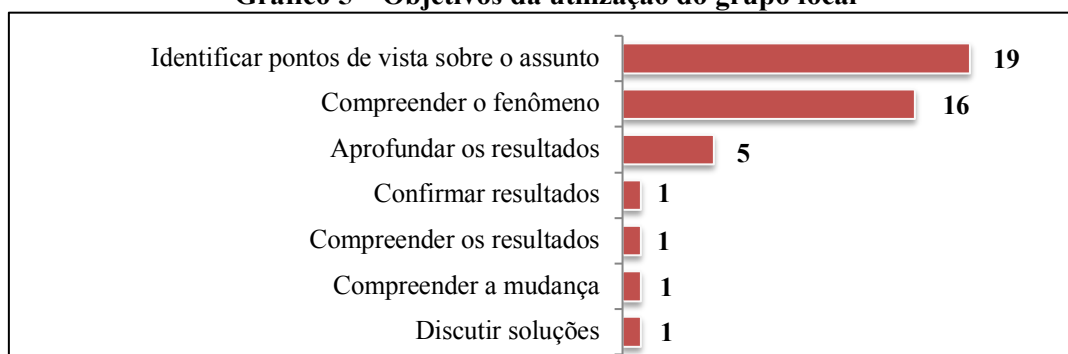
Outras situações relacionadas à aplicação do grupo focal nos estudos analisados foram menos comuns, porém diversas. Caldas e Roncato (2012) utilizaram, como primeira etapa da pesquisa, a observação, com o objetivo de construir um roteiro para a sessão de grupo focal, realizada em um segundo momento. Com o grupo focal, os autores buscaram a compreensão do fenômeno. Já Oliveira et al. (2015) utilizaram o grupo focal após um experimento, com o objetivo de compreender a mudança que o experimento gerou. Cruz, Sarsur e Amorim (2012) e Pardini, Gonçalves e Camargos (2013), por sua vez, aplicaram o grupo focal para identificar pontos de vista sobre o assunto após um painel de especialistas, enquanto Adil, Nunes e Peng (2014) e Almeida e Paula (2015) usaram o método após uma pesquisa documental, com o objetivo de compreender o fenômeno estudado. Sawitzki e Antonello (2014), por fim, utilizaram o grupo focal para identificar novos pontos de vista, após as etapas de coleta de dados que envolveram entrevista individual, observação participante e pesquisa documental.

Ao se constatar toda essa diversidade de utilização e de combinações do método de grupo focal com outros procedimentos, verificou-se que, no âmbito das pesquisas analisadas, há uma

articulação entre a descrição dos procedimentos metodológicos de tais estudos – no caso específico do grupo focal – e o que é previsto na literatura acerca do uso do referido método.

Já em relação aos objetivos dos pesquisadores ao utilizarem o grupo focal, aspecto também considerado na análise dos artigos selecionados, pode-se visualizar no Gráfico 5 que o mais frequente é a busca pela identificação de distintos pontos de vista sobre o assunto estudado. Tal constatação é explicada na literatura, que mostra diferentes autores apontando a possibilidade de acesso a diferentes visões sobre um mesmo fenômeno como uma das vantagens do grupo focal. O segundo objetivo mais frequente que leva à utilização do grupo focal como método de coleta de dados é a compreensão do fenômeno, fato que também está coerente com a literatura sobre o método. Além destes, os objetivos de aprofundar, confirmar e compreender resultados, além de compreender a mudança ocorrida após um experimento, todos encontrados como propósitos nos estudos analisados, mostram-se coerentes com o que os autores indicam como objetivos do grupo focal.

Gráfico 5 – Objetivos da utilização do grupo focal



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Discutir soluções, enquanto objetivo do grupo focal, parece não estar muito alinhado com as recomendações dos autores que tratam deste método de coleta de dados. No trabalho que aponta tal propósito para uso do grupo focal não ficou claro o número de pessoas que participaram de cada sessão, evidenciando que o que se denominou como grupo focal foram reuniões entre dois pesquisadores com duas pessoas da empresa pesquisada. Este caso, conforme a literatura pesquisada, não se configura como grupo focal.

Ao se considerar o conjunto dos artigos que fizeram parte do escopo desta pesquisa, delimitados a partir da utilização do método de grupo focal, além da descrição dos aspectos ou categorias elencadas para análise, vale apontar questões consideradas críticas, que puderam ser reconhecidas ao longo da elaboração do presente trabalho.

Apesar de todos os estudos analisados destacarem o uso do grupo focal, metade deles pouco explora ou detalha a aplicação do método. Neste sentido, foram encontrados nove trabalhos que não mencionam a quantidade de pessoas que participaram das sessões de grupo focal. A falta de informações metodológicas nestes estudos compromete a qualidade dos resultados, visto que se inviabiliza uma verificação sobre como os dados foram coletados e analisados.

Dentre os estudos levantados, há alguns que se destacam devido ao detalhamento metodológico, como é o caso dos trabalhos de Pereira e Silva (2011) e Teza et al. (2013). Além destes, há ainda trabalhos como o de Beuren e Almeida (2012) e Chiesa, Zíngano e Grisci (2013), que apresentam aprofundamento suficiente na descrição do método, já que indicam os principais

passos e opções adotadas pelos autores no processo de coleta e análise dos dados, contemplando os pontos básicos apresentados na revisão teórica deste artigo.

Uma prática comum encontrada nos artigos analisados – e na produção científica, de um modo geral – é a realização de revisão teórica sobre metodologia científica em artigos empíricos. Apesar da extensa revisão de literatura que os autores fazem em tal aspecto, muitos trabalhos não expressam a relação entre a opção metodológica e técnica e os procedimentos efetivamente implementados ao longo da pesquisa, dificultando o entendimento do leitor quanto ao caminho percorrido para coletar e analisar os dados.

Outros estudos abordados nesta pesquisa, ainda, afastam-se das recomendações da literatura e há também os que não descrevem adequadamente os procedimentos metodológicos que possibilitam tal constatação. Conforme já comentado, mais de 20% dos trabalhos analisados não citam a quantidade de participantes nas sessões de grupo focal, o que pode inviabilizar uma análise real dos procedimentos utilizados, podendo fragilizar os resultados atingidos pelas pesquisas. Em boa parte dos trabalhos analisados não se pode afirmar que os autores realmente utilizaram o método de grupo focal, principalmente devido à falta de detalhamento metodológico e, menos frequentemente, porque os autores não compartilham das recomendações da literatura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi verificar como e para que fins as pesquisas da área de Administração, publicadas em periódicos brasileiros entre 2011 e 2015, utilizaram o grupo focal como método de coleta de dados. O grupo focal é um método interessante para as pesquisas em Administração porque, conforme visto neste artigo, considera que os indivíduos interagem entre si no contexto social e, a partir dessa interação, podem tomar certas decisões. Sendo assim, acredita-se que o método tem espaço para desenvolvimento dentro das pesquisas em Administração, abrangendo outras áreas além das abordadas nos trabalhos analisados nesta pesquisa. De modo geral, acredita-se que o objetivo proposto pelo estudo foi alcançado, permitindo algumas considerações sobre seus achados.

Em primeiro lugar, constatou-se que a forma como o método de grupo focal foi utilizado nos trabalhos analisados, em sua maioria, está coerente ao que os autores sobre o método propõem. Em alguns estudos ele é utilizado isoladamente, como único método de coleta; em outros (maior parte dos casos), é utilizado junto a outros métodos qualitativos; e, em menor número, junto a métodos quantitativos. A literatura consultada para o referencial teórico indicava que o maior uso do método de grupo focal seria na área de Marketing, porém constatou-se que o maior número de estudos empregando o método é na área de Administração Pública. Na área de Estudos Organizacionais o método de grupo focal também tem sido empregado com certa frequência.

Em segundo lugar está a questão sobre para que fins o método de grupo focal é utilizado nas pesquisas em Administração. Admite-se que o objetivo é um tanto amplo, mas buscou-se responder as diferentes dimensões desta questão. Primeiramente, observou-se que, na Administração, o método de grupo focal foi utilizado para pesquisar uma multiplicidade de questões, todas detalhadas na seção de apresentação dos resultados. A outra dimensão deste objetivo é em relação aos objetivos pretendidos pelos pesquisadores ao utilizarem o método de grupo focal. Foi verificado que as situações mais recorrentes que levaram ao uso do método estão de acordo com as recomendações da literatura.

De modo geral, observou-se que parte dos trabalhos analisados não apresenta detalhamento metodológico que permita averiguar se os dados coletados por meio do método de grupo focal

realmente foram coletados de forma correta. Nestes casos, a ausência de informações sobre a realização do grupo focal – como efetivamente ocorreu – deixa dúvidas sobre o uso real do método, tal como descrito na literatura.

O grupo focal é um método que prioriza as interações sociais e percepções comuns, indo ao encontro do que a área de Administração tem enfrentado em termos de fenômenos complexos nas organizações, nos trabalhos em rede, nas parcerias e no esforço de valorizar o papel dos indivíduos, uma vez que o método busca captar diferentes percepções e pontos de vista dos indivíduos em interação. Assim, o uso de grupo focal é coerente para estudos acerca de fenômenos organizacionais contemporâneos, mencionando-se o exemplo do teletrabalho.

Como visto no referencial teórico, o método de grupo focal permite a participação, por meio da Internet, de indivíduos geograficamente distantes, dando ao grupo focal *on-line* ainda mais espaço na pesquisa em Administração. De modo geral, a contribuição mais significativa do grupo focal à área de Administração é justamente captar diferentes visões de mundo em um contexto de interação social, permitindo, inclusive, aos pesquisadores avaliar como os participantes reagem a visões de mundo divergentes das suas.

Aos pesquisadores que pretendem utilizar o método em trabalhos futuros recomenda-se, além de uma boa revisão de literatura sobre grupo focal, a busca por uma compreensão detalhada do método. Para a construção do relatório de pesquisa, do artigo, ou de outra modalidade de trabalho científico, recomenda-se ao autor considerar a necessidade de apresentar o maior detalhamento possível, tanto em relação à condução da sessão, quanto à forma como os dados foram coletados e analisados, visando dar ao leitor a maior clareza possível sobre as escolhas realizadas durante o processo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N. R.; BALDANZA, R.F.; GONDIM, S. M. G. Os grupos focais *on-line*: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**. v. 6, n. 1, p. 5-24, 2009.
- ADIL, M.; NUNES, M. B.; PENG, G. C. Identifying operational requirements to select suitable decision models for a public sector e-procurement decision support system. **Journal of Information Systems and Technology Management**. v. 11, n. 2, p. 211-228, 2014.
- ALEMÃO, M. M. et al. Aplicação do Custeio ABC no processo de transplantes de fígado, no Estado de Minas Gerais. **Revista Pretexto**. v. 16, n. 3, p. 77-91, 2015.
- ALMEIDA, B. C.; PAULA, S. L. Política de esporte e lazer: a elaboração de um instrumento de avaliação. **Revista de Administração da UFSM**. v. 8, n. 2, p. 249-266, 2015.
- ALVARENGA, C. F. et al. Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. v. 6, n. 1, p. 55-71, 2012.
- AMADO, J. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

- AMORIM, W. A. C. et al. Políticas de educação corporativa e o processo de certificação bancária: distintos atores e perspectivas. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**. v. 21, n. 3, p. 622-647, 2015.
- AÑAÑA, E. S.; SILVA, R. G. S.; NIQUE, W. M. Conveniência de serviços: apropriação e adaptação de uma escala de medida. **Revista de Administração de Empresas**. v. 51, n. 6, p. 585-600, 2011.
- ANDREOLI, G. L. M.; DIAS, C. N. Planejamento e gestão logística de medicamentos em uma central de abastecimento farmacêutico hospitalar. **Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde**. v. 12, n. 4, p. 1-15, 2015.
- BAETA, O. V.; MUCCI, C. B. M. R.; MOREIRA, N. C. O institucionalismo sociológico na implementação da política e atenção à saúde do servidor público de uma instituição federal de ensino superior de Minas Gerais. **Administração Pública e Gestão Social**. v. 3, n. 2, p. 232-249, 2011.
- BARBOSA, M. A. C. et al. “Positivismos” versus “Interpretativismos”: o que a Administração tem a ganhar com esta disputa? **Revista Organizações em Contexto-online**, v. 9, n. 17, p. 1-29, 2013.
- BARTH, N. L.; MEIRELLES, F. S. Acesso à informação: avaliação do uso de tecnologias de interação automática em call centers. **Revista de Administração de Empresas**. v. 51, n. 1, p. 27-42, 2011.
- BEUREN, I. M.; ALMEIDA, D. M. Impactos da implantação das normas internacionais de contabilidade na controladoria: um estudo à luz da teoria da estruturação em uma empresa têxtil. **Revista de Administração**. v. 47, n. 4, p. 653-670, 2012.
- BLACKBURN, R.; STOKES, D. Breaking down the barriers: using focus groups to research small and medium sized enterprises. **International Small Business Journal**. v. 19, n. 1, p. 44-67, 2000.
- BORDINI, G. S.; SPERB, T. M. Grupos focais online e pesquisa em Psicologia: Revisão de estudos empíricos entre 2001 e 2011. **Interação em Psicologia**. v. 17, n. 2, p. 195-205, 2013.
- BRETAS, P. F. F.; SARAIVA, L. A. S. Discursos e sentidos da participação popular em um centro de saúde de Belo Horizonte. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**. v. 13, n. 2, p. 203-218, 2014.
- CALDAS, R. F.; RONCATO, C. I. A formação referencial do comportamento organizacional no enfoque da Gestão Arquivística. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**. v. 2, n. Especial, p. 73-86, 2012.
- CANÇADO, V. et al. Mudanças à vista: processo de preparação para a venda em uma empresa do setor de telecomunicações. **Revista Gestão & Planejamento**. v. 12, n. 2, p. 302-324, 2011.
- CHIESA, C. D.; ZÍNGANO, E. D.; GRISCI, C. L. I. Modos de controle em uma empresa de segurança cibernética. **Revista Gestão & Tecnologia**. v. 13, n. 1, p. 230-257, 2013.

- CLEMENTE, F. A. S.; JEUNON, E. E. A percepção dos jovens sobre a imagem organizacional da Companhia Vale e o poder simbólico manifesto nos discursos. **Teoria e Prática em Administração**. v. 2, n. 1, p. 56-85, 2012.
- CRUZ, M. V. G.; SARSUR, A. M.; AMORIM, W. A. C. Gestão de competências nas relações de trabalho: o que pensam os sindicalistas? **Revista de Administração Contemporânea**. v. 16, n. 5, p. 705-722, 2012.
- CUNHA, P. R.; BEUREN, I. M.; GUERREIRO, R. Fatores preditivos à desinstitucionalização de hábitos e rotinas na controladoria: um estudo de caso. **Contabilidade, Gestão e Governança**. v. 17, n. 2, p. 60-77, 2014.
- DA COSTA MINEIRO, A. A. et al. Grupos focais presenciais e virtuais: semelhanças e desafios. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD (ENEO). 10., Fortaleza, 2019. **Anais...** Fortaleza, 2019, p. 0-10.
- DAL FORNO KINALSKI, D. et al. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 70, n. 2, p. 443-448, 2017.
- DAMASCENO, L. M. S. et al. Potencialidades e limitações da coleta de dados através de pesquisa online. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO (SEMEAD). 17., SÃO PAULO, 2014. Ensino e pesquisa em administração. **Anais...** São Paulo, 2014, p. 1-16.
- DIAS, T. F.; SOUZA, W. J. Gestão social e economia solidária: o caso da Associação dos Produtores e Produtoras Rurais da Feira Agroecológica de Mossoró – Aprofam, Mossoró-RN. **Teoria e Prática em Administração**. v. 4, n. 1, p. 261-294, 2014.
- DILSHAD, R. M.; LATIF, M. I. Focus group interview as a tool for qualitative research: an analysis. **Pakistan Journal of Social Sciences**. v. 33, n. 1, p. 191-198, 2013.
- FOGAÇA, N.; COELHO JUNIOR, F. A. A hipótese 'trabalhador feliz, produtivo': o que pensam os servidores públicos federais. **Cadernos EBAPE.BR**. v. 13, n. 4, p. 759-775, 2015.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. cap. 3, p. 64-89.
- GIBBS, A. Focus group. **Social Research Update**. n. 19, 1997. Disponível em: <<http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU19.html>>. Acesso em: 27 fev. 2016.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOI, C. K. Grupo de discussão como prática de pesquisa em estudos organizacionais. **Revista de Administração de Empresas**. v. 55, n. 6, p. 632-644, 2015.
- GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**. v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.
- GOUVÊA, A. B. C. T.; SILVEIRA, A.; MACHADO, H. V. Mulheres empreendedoras: compreensões do empreendedorismo e do exercício do papel desempenhado por homens e mulheres em organizações. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. v. 2, n. 2, p. 32-54, 2013.

GREENBAUM, T. L. 10 tips for running successful focus groups. **Groups Plus**. September, 1998. Disponível em: < <http://www.groupsplus.com/pages/mn091498.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

GUERRA, J. F. C.; TEODÓSIO, A. D. S. S. Habilidades sociais e capital social no desenvolvimento local: caminhos e descaminhos de uma comunidade escolar nas políticas públicas. **Gestão e Sociedade**. v. 6, n. 15, p. 360-377, 2012.

GUI, R. T. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **rPot**. v. 3, n. 1, p. 135-160, 2003.

HAMESTER, M. M. M. et al. O papel comunicativo dos colaboradores para a Política Nacional de Humanização: o caso de um hospital universitário. **Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde**. v. 12, n. 2, p. 34-43, 2015.

LEITE, N. P.; LEITE, F. P.; ALBUQUERQUE, L. G. Gestão do comportamento organizacional e gestão de pessoas: um estudo observacional. **Revista de Gestão**. v. 19, n. 2, p. 279-296, 2012.

LEITE, N. R. P.; RODRIGUES, A. C. A.; ALBUQUERQUE, L. G. Organizational commitment and job satisfaction: what are the potential relationships? **Brazilian Administration Review**. v. 11, n. 4, p. 476-495, 2014.

LUBECK, R. M. et al. Diga-me no que andas e te direi quem és: aspectos de influência nos jovens da classe C brasileira para adquirir automóveis. **Revista Brasileira de Marketing**. v. 13, n. 3, p. 17-35, 2014.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Tradução: Carlos Alberto Silveira Netto Soares.

MEZADRE, S. B. B.; BIANCO, M. F. Polishing knowledge: a study of marble and granite processing. **Brazilian Administration Review**. v. 11, n. 3, p. 302-322, 2014.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. cap. 3 p. 61-77.

MOTA, A. L. C.; NASSIF, V. M. J. Modelos de gestão do esporte educacional e governança no terceiro setor: o real, o possível e o ideal. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**. v. 4, n. 2, p. 29-42, 2015.

OLIVEIRA, M. C. J. et al. A model for sensory analysis of foods and beverages: bounded rationality, attributes and perceptions in coffee and meat. **Desafio Online**. v. 3, n. 1, p. 909-929, 2015.

OLIVEIRA, M.; FREITAS, H. Focus group: instrumentalizando o seu planejamento. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. Cap. 11, p. 325-346.

PAIVA, D. S.; ANDRADE, J. C. S. Resistências à mudança organizacional: análise do processo de implantação do sistema de gestão integrada no Senai-BA. **Revista de Administração da UFSM**. v. 6, n. 3, p. 614-631, 2013.

PARDINI, D. J.; GONÇALVES, C. A.; CAMARGOS, L. M. M. A Água - Governança Pública de Recursos Hídricos: manifestações dos stakeholders em Minas Gerais. **Reuna**. v. 18, n. 4, p. 37-56, 2013.

PATTON, M. Q. **Qualitative research and evaluation methods**. 3rd ed. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2002.

PEREIRA, A. L. C.; SILVA, A. B. As competências gerenciais nas instituições federais de educação superior. **Cadernos EBAPE.BR**. v. 9, n. Especial, p. 627-647, 2011.

PEREIRA, A. W. R. et al. Transferência de gestão da irrigação: Um estudo no perímetro irrigado de São Gonçalo/PB. **Reunir: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade**. v. 5, n. 2, p. 85-103, 2015.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RAMOS, A.; FARIA, P. M.; FARIA, A. Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. **Revista Diálogo Educacional**. v. 14, n. 41, p. 17-36, 2014.

ROCHA, A. P. B. et al. Consequentes de atitudes de vingança: novos olhares sobre os aspectos negativos no comportamento do consumidor. **Revista Ciências Administrativas**. v. 20, n. 2, p. 633-663, 2014.

ROSSI, G. B. et al. Percepção de valor dos consumidores de serviços de restaurantes: um estudo com modelagem de equações estruturais. **Revista Brasileira de Marketing**. v. 11, n. 3, p. 27-52, 2012.

RUAS, R. L. et al. A dinâmica das Competências Organizacionais e a contribuição da aprendizagem: um estudo de caso no setor bancário. **Revista Alcance**. v. 21, n. 4, p. 612-649, 2014.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SANTINI, F. O. et al. Hum, sinto cheiro de consumo: relacionando o fator sensorial "cheiro" com a intenção de compra de calçados Melissa. **Revista Organizações em Contexto**. v. 10, n. 19, p. 155-179, 2014.

SAWITZKI, R. C.; ANTONELLO, C. S. Em cena e nos bastidores: processos de aprendizagem de um grupo de trabalhadores de uma organização do Terceiro Setor. **Revista Alcance**. v. 21, n. 4, p. 719-748, 2014.

SILVA, B. E. et al. Contribuições da Inovação Aberta para uma empresa de comunicação. **Revista Gestão & Tecnologia**. v. 13, n. 2, p. 222-246, 2013.

SILVA, I. S.; VELOSO, A. L.; KEATING, J. B. Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. **Revista Lusófona de Educação**. n. 26, p. 175-190, 2014.

SILVA, M. A. B.; LEITE, N. P. Aprendizagem e mudança organizacional em uma Instituição de Ensino Superior em Administração. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**. v. 20, n. 1, p. 195-224, 2014.

SILVA, R. E.; SOUZA NETO, J. Contratação do desenvolvimento ágil de software na administração pública federal: riscos e ações mitigadoras. **Revista do Serviço Público**. v. 66, n. 1, p. 97-120, 2015.

SMANIOTTO, E.; PAIVA, E. L.; VIEIRA, L. M. Estratégia de internacionalização através de upgrading funcional. **Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão**. v. 10, n. 1, p. 15-29, 2012.

SMITH, M.; BOWERS-BROWN, T. Different kinds of qualitative data collection methods. In: DAHLBERG, L.; MCCAIG, C. (Eds.). **Practical research and evaluation: a start-to-finish guide for practitioners**. London: Sage Publications, 2010. Cap. 8, p. 111-125.

STEFFEN, G.; PERIN, M. G.; SAMPAIO, C. H. Interação consumidor-funcionário no varejo de confecção sob a perspectiva da classe média. **Revista de Administração da Unimep**. v. 12, n. 3, p. 73-99, 2014.

TEIXEIRA, S. A.; SANTANA, A. G.; LAVARDA, C. E. F. Sistema Multinível de Medição de Desempenho para estabelecer o diálogo estratégico: estudo de caso em serviços contábeis. **Revista Gestão Organizacional**. v. 7, n. 2, p. 44-59, 2014.

TERENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO FILHO, E. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. **Encontro Nacional de Engenharia de Produção**, v. 26, 2006.

TEZA, P. et al. Direcionadores do processo de inovação: o papel da estratégia, liderança e cultura. **Navus - Revista de Gestão e Tecnologia**. v. 3, n. 2, p. 77-88, 2013.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.